

EM MEMÓRIA DE URSULA LEHR (1930-2022)

Insa Fooken¹

Quando comecei a estudar Psicologia na Universidade de Bona, no final dos anos 60, parecia ser um assunto inquestionável, que os docentes eram (quase) exclusivamente homens. Na matéria da Psicologia, contudo, houve uma exceção: Ursula Lehr, uma mulher pequena, na casa dos 30 anos, animada, inteligente, altamente empenhada e sempre vestida conforme a moda, com uma minissaia e saltos altos. Como mãe jovem de dois filhos, tinha inicialmente pesquisado a periodicidade do comportamento infantil com o seu professor e mentor, Hans Thomae, mas desde cedo voltou seu olhar para os processos de desenvolvimento humano e de socialização que ocorrem ao longo da vida. Segundo ela, o envelhecimento devia ser visto como um processo constante de mudança e de desenvolvimento que acontece desde “o berço até o túmulo”.

O que hoje em dia se chama “desenvolvimento da vida” já era praticado por Ursula Lehr no início de sua carreira acadêmica. Por exemplo, ela examinou como os pais — e para ela, isso significava tanto mães como pais — influenciam o desenvolvimento de seus filhos, mas também incluiu no seu foco como, inversamente, crianças de todas as idades iniciam processos de desenvolvimento em seus pais. Essa visão dos processos de socialização recíproca foi aplicada não só às relações pais-filhos, mas também às relações

1 Psicóloga, Doutora em Filosofia pela Universidade de Bonn. Professora aposentada da Universidade de Siegen, Alemanha. Professora Sênior da Goethe-Universität, Frankfurt, Alemanha. E-mail: fooken@psychologie.uni-siegen.de.

avós-netos. Mesmo que uma geração tenha seu desenvolvimento sempre à frente de seus descendentes, os impulsos de desenvolvimento e de mudança ocorrem, no entanto, reciprocamente. Não é por acaso que o título da publicação comemorativa dos 60 anos de Ursula Lehr é: “Envelhecimento — um processo de interação social durante toda a vida”. As relações sociais dentro de uma mesma geração, tais como os vínculos de irmãos ou colegas, bem como as relações entre diferentes grupos etários, gerações e redes sociais, fazem parte de uma dinâmica de desenvolvimento ao longo da vida, e isso vale também para a situação de vida na velhice.

Ursula Lehr criticou veementemente a concepção de que as pessoas atingiriam uma espécie de plataforma de desenvolvimento estável ao chegar na vida adulta, e de que, no entanto, isso mudaria na idade mais avançada, mas dessa vez num movimento descendente, que seria inevitavelmente acompanhado por perdas e défices. Ursula Lehr contra-argumentou isto: paragem ou regressão de desenvolvimento, nem pensar! Ela demonstrou, por exemplo, como certas experiências no decurso de uma carreira poderiam vir a ser o ponto de partida de novos processos de desenvolvimento contínuo e/ou abrupto para os homens e para as mulheres. Não é coincidência que um de seus principais estudos, a sua tese de habilitação, intitule-se “Die Frau im Beruf” (“Mulheres no Trabalho”). A propósito, Ursula Lehr foi também uma das primeiras a criticar o fato de a investigação gerontológica inicial lidar frequentemente de forma muito unilateral com a questão das perdas de desempenho em homens mais velhos, no final da sua vida profissional. Isso a motivou a publicar uma antologia sobre a possível diferença de situação das mulheres na velhice.

Finalmente, estereótipos etários, como a alegada inevitabilidade do declínio na idade avançada, incomodaram-na profundamente. Assim, outro marco de sua investigação foi provar que os processos de desenvolvimento e de envelhecimento não seguem um padrão uniforme e homogêneo, mas que podem ocorrer de formas muito diferentes entre as pessoas. Chegou-se a conclusões a partir dos vários estudos que ela conduziu ou iniciou, sobretudo do Estudo Gerontológico Longitudinal de Bonn (BOLSA), do qual foram retiradas conclusões que levaram a uma mudança na compreensão da(s) idade(s) humana(s) e do processo de envelhecimento, tanto em relação ao cenário sociopolítico como no contexto da política científica. Isso exigia que a investigação sobre o envelhecimento fosse pensada e conduzida como uma “Gerontologia diferencial”.

Curiosamente, como jovem investigadora no início dos seus 30 anos, Ursula Lehr já tinha explorado “sintomas subjetivos do envelhecimento” em pessoas idosas e mostrado como é importante saber que os processos

de envelhecimento são percebidos de forma muito diferente e trazidos para contextos explicativos subjetivos (LEHR; PUSCHNER, 1963). Não só conceitos subjetivos de envelhecimento podem ser influenciados, mas também ideias e pressupostos sobre a tratabilidade “objetiva” de doenças físicas ou mentais na velhice. Essa visão também resultou em um texto de síntese programática, que ela chamou de “Gerontologia de Intervenção”.

O lema de Ursula Lehr era: as pessoas se desenvolvem ao longo das tarefas de desenvolvimento (“tarefas de desenvolvimento”²), desde o nascimento até a morte. O conceito de tarefa de desenvolvimento baseia-se na interação de três importantes fatores de influência que constituem uma tarefa de desenvolvimento. Estes são, em primeiro lugar, processos de crescimento, mudanças físicas e fenômenos de base biológica; em segundo lugar, expectativas sociais, especificações do papel do contexto sociocultural e das situações de vida social que podem iniciar, manter, mas também dificultar a transformação do desenvolvimento; e, por último, mas não menos importante, cenários subjetivos do indivíduo: a personalidade humana é orientada para objetivos e é direcionada para a ressonância social e para a experiência de autoeficácia. Assim, num certo sentido, as pessoas são sempre, também, as moldadoras de seu desenvolvimento e determinam a si próprias através de sua percepção subjetiva, de seus objetivos e da forma como lidam com aquilo que experimentam como exigências.

Centrar a investigação nesses aspectos subjetivos significa não se concentrar somente nos défices e nas situações de risco, mas prestar mais atenção à existência de competência, especialmente a competência social e a necessidade de participação social. Notadamente, no início e no fim da vida, na primeira infância e na velhice, o aspecto de impotência foi acentuado durante muito tempo, tudo isso o que “ainda não” ou “já não” mais é possível. Entretanto, se o foco forem apenas os aspectos da necessidade e do défice — como Ursula Lehr argumenta —, o potencial de competência é muitas vezes ignorado. Assim, uma mudança de paradigma tem tido lugar gradualmente. No início, com o conceito de “criança competente” presente na investigação infantil, essa visão também encontrou sua continuação no conceito gerontológico de “competência na velhice”. Ursula Lehr já tinha tomado uma posição semelhante no debate sobre o desengajamento versus atividade na velhice. Na opinião dela, tudo o que era retirada, exclusão, desvalorização dos idosos, devia ser rejeitado. Isso deveria valer não só em grau interpessoal mais próximo, mas também em

2 Ver: HAVIGHURST, Robert J. *Developmental tasks and education*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.

grau político. Assim, ela trabalhou com grande empenho e a partir de uma atitude de afirmação de vida para todas as pessoas mais velhas, em todo o mundo, como cientista. Sinto muito a sua falta e sou-lhe profundamente grata.

referência

LEHR, Ursula; PUSCHNER, Ingrid. Untersuchungen über subjektive Alternssymptome. *Vita Humana*, [s. l.], v. 6, p. 57-86, 1963.